



Notícias do Mundo

Isso eu chamo de novos básicos. Estamos num processo que, ao mesmo tempo que discutimos as questões mais avançadas, que inclui os direitos econômicos e sociais pelos quais temos que continuar a lutar, temos que prestar atenção em coisas tão básicas como a perda da vida perante a violência. Tivemos aqui relatos apresentados sobre crianças de seis anos, de Uganda, que são obrigadas à prostituição; ou sobre a violação da integridade física constante que é a mutilação genital. Ou seja, ainda é preciso tratar do que é mais básico para a dignidade humana e o HIV, para os africanos, acaba sendo um tema agregador, pois diz respeito às famílias, às escolas, à política, a todas as instâncias da vida. Toca a política para a juventude pois, num país em que a grande maioria são jovens, não pode haver uma política para idosos como a europeia e sim uma política para os jovens. Muitas organizações internacionais não entenderam isso e tentam aplicar aqui modelos europeus o que, para mim, é um novo tipo de colonialismo.

Um Fórum na África enfoca o colonialismo mais fortemente?

Sim, e é preciso pensar que o processo de descolonização aqui foi diferente do da América Latina, onde a independência foi mais voltada para os descendentes dos colonos, não para as populações nativas. Aqui foi

para as populações nativas. É um processo político distinto, que ocorre mais de um século depois. Aqui, a maioria dos países europeus, quando descolonizaram, a partir dos anos 1950, estabeleceram em seu lugar um pacto neocolonial. Perceberam que é mais fácil explorar, expropriar, através das relações comerciais com países livres do que mantê-los como colônias dispendiosas. O mesmo se dá com o Banco Mundial que promove a democracia, um bom sistema para o capitalismo atual.

O único colonialismo que escapou a isso foi o português, porque veio mais tarde e porque, em Portugal, a descolonização ocorreu durante a Revolução dos Cravos, em 1974. Um sinal disso foi que os dois únicos governos que foram, digamos, socialistas por algum tempo na África foram ex-colônias portuguesas, Angola e Moçambique.

Portanto, tudo é muito recente, estamos falando de 30 anos, e há uma forma de colonialismo que ainda persiste. Aliás, muitas das ONGs que estão aqui são dos mesmos países que colonizaram o continente, são as mesmas missões das igrejas católica e protestante. Claro, ainda bem, estão numa posição progressista, com uma agenda antineoliberal, na luta contra a pobreza. Porém, no fundo, as mesmas relações neocoloniais ainda estão presentes.

Rafael Evangelista
colaborou Renato Rovai

AQUECIMENTO GLOBAL

Pesquisador denuncia o lucrativo mercado de cotas de carbono

Enfim, parece que o planeta despertou para as evidências que o clima está mudando e que todos os alertas – tidos como alarmistas por muita gente de peso – disparados nas últimas décadas sobre aquecimento global eram mesmo para valer. Quando os Estados Unidos retiraram o apoio ao Protocolo de Kyoto, o mundo se uniu, incrédulo, em indignação. Eleito como solução mágica na época, a entrada em vigor do Protocolo tornou-se questão de honra para algumas organizações ambientais, que fizeram uma contagem regressiva sobre quantas assinaturas ainda eram necessárias. Nada mais ilusório, porém, aponta Larry Lohmann, pesquisador da fundação sueca DHF e autor do livro *Carbon trading*. Segundo ele, o Protocolo, e principalmente o comércio de carbono nele previsto, muda pouco o cenário mundial das emissões de carbono. Trata-se um mecanismo de mercado, pouco prático e nada efetivo, que promove o comércio do direito de poluir. Acabou funcionando de maneira perversa, ao drenar as



atenções de soluções mais radicais e efetivas que, agora, se mostram urgentes. O pesquisador considera que a única saída é promover uma regulação dura, que taxe e controle a indústria poluente, ao lado de reformas estruturais e investimentos fortes na redução do consumo de energia.

Todas as tentativas atuais para transformar o carbono em negócio acabam ajudando os piores poluidores a continuar poluindo, diz Lohmann. Hoje, os setores industriais mais responsáveis pela crise climática estão ganhando enormes pacotes grátis de recém-criados direitos de poluir que eles podem transformar em enormes lucros. Na Europa, por exemplo, as usinas de geração de energia colecionam centenas de milhões de libras por ano de lucros, simplesmente por fazerem o que sempre fizeram, enquanto o cidadão comum sofre com o aumento do preço da eletricidade. Para o pesquisador, os grandes poluidores beneficiam-se comprando direitos de poluir mais, a partir de projetos no exterior em que, supostamente, economizariam carbono. Por exemplo, uma empresa britânica de cimento ou de petróleo que quer continuar a poluir como sempre, mas não recebeu suficientes cotas grátis de poluição por seus governos, pode



Rafael Evangelista

Larry Lohmann, autor de *Carbon trading*

suprir a desvantagem simplesmente comprando créditos a baixo custo de, digamos, uma estação eólica na Índia, “economizadora de carbono”. Além de ser injusto, tudo isso simplesmente encoraja os piores poluidores do Norte a protelar o afastamento estrutural dos combustíveis fósseis que a questão climática exige no longo prazo. “Por que inovar se você pode, ano após ano, comprar bem barato os direitos de poluição de alguém?” pergunta Lohmann. Na Europa, até as próprias indústrias, em alguns casos, estão apontando que essa não é a maneira de enfrentar a mudança climática e aceitam discutir uma regulamentação mais dura. Ele destaca, ainda, que é importante lembrar que foram os

EUA que estavam por trás do impulso de tornar o Protocolo de Kyoto um documento pelo comércio de carbono. A Europa e o Hemisfério Sul estavam inicialmente céticos, mas depois acataram a idéia. Embora os EUA tenham abandonado o Protocolo de Kyoto, várias empresas dos EUA continuam, a favor dele. A Enron é um bom exemplo. Ela apoiou o tratado porque queria ganhar dinheiro com o comércio de carbono – e se enfureceu com George W. Bush por não assiná-lo. Em contrapartida, corporações como a ExxonMobil, não apoiaram por ainda não estarem preparadas para o comércio de carbono e, inicialmente, nem admitissem a responsabilidade humana sobre o clima. Bush ligou-se ao grupo da Exxon. Mas, mesmo que tivesse assinado Kyoto, ainda teria representado apenas o triunfo de uma facção das empresas dos EUA sobre a outra, conclui Lohmann.

Rafael Evangelista

SERVIÇO

Para ler a entrevista completa:
[www.comciencia.br/comciencia/
?section=8&edicao=22&tipo=
entrevista](http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=22&tipo=entrevista)

Carbon trading (só em inglês):
www.thecornerhouse.org.uk or
www.dhf.uu.se